

Estado cerca de 200.000 imigrantes. E a área colonizada por particulares atingia a 1.080.000 hectares, com uma população de 530.000 habitantes.

Restavam ainda em 1943, segundo o folheto inédito intitulado «Resumo Histórico da colonização do Estado do Rio Grande do Sul», do Dr. Artur Ambros, 8.000 Km.2 de terras devolutas, sendo 75% mais ou menos ocupada com moradores, além da área disponível situada no vale do rio Uruguai, que se destina à colocação da enorme descendência dos agricultores. Podendo, a população agrícola, de então, ser estimada em 1.500.000 habitantes, que se distribuiram em pequenas propriedades, com a área média de 25 hectares.

Hoje já não há mais imigração de colonos para o Rio Grande do Sul, tendo sido as zonas novas do Estado ocupadas por brasileiros, descendentes das velhas gerações de agricultores.

Este «melting-pot» admirável que é o Rio Grande do Sul anula a velha concepção racista, provando que mais forte do que as influências étnicas prevalece na humanidade o conceito cultural de civilização.

Assim, pois, imigrantes, alemães, austriacos e italianos, irlandeses, franceses, suíssos, suecos, belgas, polonenses, com paulistas, mineiros e catarinenses — base étnica da gente gaúcha — formaram o Rio Grande do Sul e fizeram com que o nosso Estado seja hoje não só o celeiro do Brasil, como também um grande centro cultural, que honra a nossa Pátria, elevando-a entre as demais nações civilizadas.

## BIBLIOGRAFIA

**Ambros, Artur** — Resumo histórico da colonização no Estado do Rio Grande do Sul (inédito).

**Borges Fortes (Gen.)** — Troncos Seculares.

**Cadastro da Diretoria de Terras e Colonização** — Quadro das colônias do Estado.

**Pellanda, Ernesto** — Aspectos Gerais da Colonização italiana no Rio Grande do Sul, in Album comemorativo do 75.<sup>º</sup> aniversário da colonização italiana.

**Rambo, Padre Balduino** — Fisionomia do Rio Grande do Sul.

## TOPÔNIMOS SULRIOGRADENSES

### JERUA

**Alvaro Batista Ilgenfritz**  
Diretor da D. T. C.

A cartografia do Rio Grande do Sul consigna o topônimo — Giruá —, que recebeu sanção oficial na divisão administrativa do Estado, figurando, assim, na relação dos distritos elaborada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Atualmente está emancipado esse antigo distrito santoangelense, cujos habitantes o erigiram em município. E' chegada, pois, a oportunidade de recordar-lhe e etimologia em face do seu significado topônímico.

A denominação em exame provém de um arroio tributário da margem direita do Rio Cumandá, que banha o município epônimo de Giruá.

Antes, porém, de entrarmos no conteúdo do vocabulário, façamos uma busca na bibliografia ao alcance de nossas mãos, definindo o seu significado.

**ANSELMO JOVER PERALTA**, no Capítulo «Argentina», de *EL GUARANI EN LA GEOGRAFIA DE AMÉRICA*, registra: «Yeruá». var. Yaroá — «Rio de los bizarros». Calabaza chica (*Cucurbita Leucantha* Dch. *Cucurbitaceas*). No capítulo Guianas, do mesmo livro, —consigna: «Yuruari. De yurú, boca y ári, sobre, através de: mas alla de la boca. O de yeruá, calabazilla, y de rí rio».

**TOMAZ OSUNA**, em colaboração com o mesmo Jover Peralta, em *DICIONARIO GUARANI-ESPAÑOL Y ESPANOL-GUARANI*: «Yeruá. var. Yaroá — Nombre de una calabaza-chica, *Cucurbita Leucantha* o de yirú, un ave *Bariphengus ruficapillus güiratoro*, y a, fruta: — fruta de güiratoro».

**JULIO STORNI**, citado por Peralta, assim define: «De ye, dicen; ru, tiene o está y á, grano, hincharon: calabazas que tienen la corteza como ampollas».

**ANTONIO RUIZ DE MONTOYA**, Arte, Vocabulário y Tesoro, diz: «Yeruá. calabacillos silvestres».

**QUIRINO NUNES PEREIRA**, em trabalho inédito, define: «Yuruá. Giruá — O boqueirão, boca larga, ampla»; antes, porém, em um opúsculo editado em São Luiz Gonzaga, adotara a interpretação do P. Gay: «Giruá — porongo amargoso».

**SOUZA DOCCA** — Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, faz derivar Giruá de «Ayuruá — fala de gente, espécie de papagaio ou de gerivá, uma palmeira».

**TUPI CALDAS** — Na revista acima citada, busca origem no vocábulo **círi**, palmeira espinhosa; **u**, tirar; **a**, **uá**, grande cousa de grão. E conclui: «Lugar da palmeira de que tiro cachos de frutas com grande grão», «Lugar das palmeiras».

Nas interpretações anteriores notamos a persistência da idéia de «cabaças». Jover Peralta aduz «Rio de los bizarros», talvez como mera citação de outrem, mas não insiste. Lembra — «fruta de guiratoro», porém tal fruta não foi ainda identificada; é mera hipótese. Depois passa a definir **yeruá** como «calabaza chica», analisando a palavra. E' esta a melhor definição, apoiada pelos mestres do idioma. Baptista Caetano, em Vocabulário da Conquista, Anais da Biblioteca Nacional, consigna: «**Yeruá** s. espécie de pequenas cabeças ou abóboras,, coloquyntida». Sómente Souza Docca e Tupí Caldas é que desgarram desta interpretação.

A ave **yírú**, güiratoro, nada parece ter com **yeruá**, suas raízes são outras; bem assim, **ayuruá** (fala de gente, papagaio) e ainda menos **gerivá**, que é corruptela de **y-ári-yvá** (árvore de cachos), que é a palmeira comum, pindó (*Coccus Romanzoffiana*).

O radical **gerú** se encontra em **gerumú** e **gerumuê**, ambas variedades de cucurbitaceas.

O **yírú** é semelhante ao **ívígüí**, cujos étimos não se referem a **yeruá** ou **porõ** (miolo amargo); ambos são variedades de maracanãs, termo este que significa — «semelhante ao maracá». O **yírú** (que vem junto) é uma **ará** que anda em bandos, conforme o nome o diz; talvez por este mesmo fato, chame-se **girú** à *Capparis nectárea*, planta arbustiva das catingas, semelhante ao icó; por outro lado, **yvygüy** (em baixo da terra), é termo que alude aos hábitos búraqueiros da ave.

Mais difícil seria filiarmos **yeruá** a **círi-u-á**; é verdade que existe uma palmeira **Cyr-yb** (árvore de puas), que é espinhosa, mas não ocorre no local, nem nada tem a participar das origens do termo **yeruá**.

Feita esta breve revista, podemos concluir que a etimologia de Giruá outra não pode ser senão a seguinte:

**YE**, pronomé reflexivo que, preposto a verbos transitivos, forma verbos passivos. Exemplo: **peé**, aquecer; **yepeé**, aquecer-se; **apacuá**, dobrar; **yeapacuá**, dobrar-se. Anteposto às nasais, o prefixo **ye** se transforma em **ñe**, verbi **gratia**, **mboé**, (ensinar); **ñemboé**, ensinar-se, aprender etc.)

**RU**, verbo transitivo, ter comsigo, conter; é contração de **ro-ub**, estar com, sendo **ro** partícula de concomitância e coeficiência (ir, ho; ir com, **rohó**); **ub**, estar; (**ro-ub**, estar consigo); **Ru** é, pois, ter comsigo, conter; **yerú** ter em si, estar com, conter.

**A**, substantivo: fruto, grão, sememente, bola, cousa essencial; exprime também — feito de, composto de, entidade. **Pir**, pele; **pirá**, ente de pele (designativo genérico de muitos peixes); **car**, escama; **cará**, ser de escamas (certos peixes e batatas ruginosas).

Aglutinados estes étimos, temos:  
**YE-RU-Á**, — «se-conter-fruto». Em suma: «Fruto para conter em si», «cousa própria para recipiente», «fruto que serve de vasilha», «cabaça», porongo. É a *Cucurbita Leucantha*, Dch ou a coloquintida (*Citrulus* — *Colocynthus*, (L. Sch.).

A grafia da palavra, portanto, será — **JERUÁ** —, no vernáculo, já que o **y** inicial guaraní, até o presente se tem pronunciado como o nosso **j**. A forma usual «Giruá» não encontra apôio etimológico, nem significado cabível. Não passa de uma maneira simplista de deturpar vocábulos, devido ao obscurantismo da antiga população rural que, deslembra da velho idioma missionário, assim no-lo transmitiu.

Em concumitância, escrevemos, pois, etimológica e racionalmente — **JERUÁ**, indicando a serventia do objeto e remontando às raízes da palavra, que, por si, representa uma expressiva classificação botânica, aplicada com minúcie e propriedade.